

ATUAÇÃO DOS PSICÓLOGOS NO CREAS: DIANTE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL INTRAFAMILIAR.

Fabiana Gomes de Souza Fernandes*

Ricardo Dias de Castro**

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo compreender como as consequências do abuso sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes se manifestam diante das observações e percepções dos psicólogos nos Centro Especializado de Assistência Social – CREAS de Vespasiano MG, Pedro Leopoldo MG e Sete Lagoas MG. A violência sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes apresentam consequências na construção da subjetividade de suas vítimas, causando danos físicos, psicológicos, morais e sociais. O que acarreta aos psicólogos, diante dos acompanhamentos psicossociais, possibilidade de serem afetados emocionalmente, tendo que encontrar alternativas para que tais sentimentos não o prejudiquem na condução do seu trabalho. Foi possível perceber, portanto, que as psicólogas entrevistadas identificam a seriedade que esse enfrentamento à violência exige em suas práticas diárias, fazendo com que elas busquem encontrar alternativas, dentro do que preconiza o código de ética, para lidar e enfrentar as suas próprias angústias.

Palavras – chave: Abuso sexual intrafamiliar, Crianças e adolescentes, Psicólogos do CREAS.

ABSTRACT

The objective of this article is to understand how the consequences of intrafamily sexual abuse against children and adolescents are manifested in the observations and perceptions of psychologists in the Specialized Centers of Social Assistance in Vespasiano MG, Pedro Leopoldo MG and Sete Lagoas MG. Intrafamily sexual violence against children and adolescents has consequences in the construction of the subjectivity of its victims, causing physical, psychological, moral and social damages. What makes psychologists, in the face of psychosocial accompaniments, have the possibility of being emotionally affected and have to find alternatives so that such feelings do not harm him in the conduct of his work. It was possible to see, therefore, that the psychologists interviewed identified the seriousness that this confrontation with violence demands in their daily practices, causing them to seek alternatives, within which the code of ethics advocates, to deal with and face their own anguish.

Keywords: Intrafamily sexual abuse. Childrens and adolescents. Psychologists in the Specialized Social Assistance Center.

* Graduando em Psicologia, Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas-MG; *E-mail:* fabianagsf@yahoo.com.br

** Docente do Curso de Psicologia da Faculdade Ciências da Vida, Psicólogo pela UFMG, doutorando pelo programa de Pós graduação em psicologia da UFMG, email: ricardodiascastro@gmail.com

1INTRODUÇÃO

Violência é toda ação ou efeito que resulta no ato de violentar, empregar qualquer tipo de força física contra alguém ou ainda a intimidação moral e verbal contra alguém, esse ato é cometido com violência, força e crueldade. Em se tratando da violência contra crianças e adolescentes, essa costuma ser uma chave de análise geral compreendida como a consequência das relações de poder entre o agressor e a vítima (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2015) O adulto agressor exerce poder sobre as crianças e adolescentes abusadas ocasionando uma desestruturação da identidade da vítima, caracterizando uma mudança em seu comportamento. A violência sexual permeia a sociedade desde a antiguidade, mas se tornou uma questão de saúde pública e social no século XX, onde tal atitude se encontra inserida no enquadramento dos direitos humanos (BALLONE; ORTOLANI, 2017).

Em se tratando da violência sexual intrafamiliar as crianças e adolescentes são as vítimas mais acometidas, sendo que esse crime é uma total violação contra direitos humanos universais, a regras sociais e familiares. O abuso sexual intrafamiliar acontece no ambiente doméstico, podendo envolver parentes, embora ocorra com mais probabilidade entre os elementos que habitam a mesma casa. Essa prática configurada no ambiente familiar pode apresentar em experiência e vivência de violência psicológica e física, que são situações que podem se apresentar associadas (CÓTICA; XAVIER; EYGO, 2015).

Nesse sentido, os psicólogos sociais surgem com o trabalho comunitário tendo em vista romper com o ciclo de violência das crianças e adolescentes abusadas, contribuindo para a construção de identidades pessoais, grupais daqueles que vivem à margem da opressão, e com isso desenvolver uma mudança nas relações desse meio (FERREIRA, 2010). Princípios fundamentais dos profissionais de psicologia que trabalham no Sistema Único de Assistência Social – SUAS, na instituição CREAS é promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades como também contribuir para a eliminação de quaisquer formas de

negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, através de uma equipe que é referência se tratando do quesito de abuso e à exploração sexual.

Nessa pesquisa tiramos o foco das vítimas do abuso e trazemos para o centro um dos profissionais imprescindíveis no processo de intervenção em casos como esses: o psicólogo. Isto é, reconhecemos a importância de ampliar a chave de análise dos efeitos da violência sexual intrafamiliar; tendo como base a percepção dos psicólogos que atuam no CREAS diante desses casos. Esse estudo se norteia pelo questionamento: quais são as consequências do abuso sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes percebidos pelos psicólogos que atuam no CREAS? Sendo que essa pesquisa se justifica pelo fato de que algumas crianças e adolescentes vivenciam, cotidianamente, situações e violência extrema em seus lares familiares. Locais que, idealmente, deveriam ser espaços de construção de cuidados e afetos; mas que, nessas experiências, representam espaços de reprodução de violências, abusos e traumas.

Dessa forma, o desenvolvimento dessa pesquisa conta com a experiência da pesquisadora em seu trabalho desenvolvido como Conselheira Tutelar, atuando no âmbito do sistema de proteção à criança e ao adolescente na cidade de Matozinhos. A profissional vivencia várias situações de dificuldade no cotidiano de trabalho ao se deparar com casos de crianças vítimas de violência familiar e acredita que para superar o problema das violências e garantir os direitos dessas crianças, é indispensável um trabalho conjunto e integrado com a conexão em rede de profissionais das mais diversas áreas sendo elas: Ministério Público, Judiciário, as políticas públicas, entre outros.

Pensar nos processos de subjetivação de crianças e adolescentes implica no reconhecimento dos processos de produção de si, que se formam a partir da conexão do indivíduo com os diversos elementos, como as relações familiares, a cultura, o social, dentre outros. Sendo, a violência sexual um desses elementos constituintes nos casos de crianças que se tornaram vítimas desse fato.

Caberia pensar que existem várias maneiras e formas diferenciadas de cada indivíduo manifestar seus sentimentos e comportamentos diante a agressão sofrida. Para tanto Guattari

(1992) assume que cada indivíduo ou grupo social constrói um determinado sistema de modelização da subjetividade, sendo sempre único pessoal e singular. Tendo em vista que a constituição da subjetividade na infância e adolescência é um processo lento e contínuo em constante construção. Certos que as relações intersubjetivas nesses contextos de atendimentos em cenários de vulnerabilidade, misturam-se, o objetivo geral dessa pesquisa gira em torno da compreensão das consequências do abuso sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes diante das observações e percepções dos psicólogos que atuam no CREAS.

Como objetivos específicos, visa-se 1) investigar o serviço dos psicólogos e quais possibilidades e desafios em sua atuação no CREAS quanto ao atendimento às crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual 2) compreender quais são os aspectos emocionais que envolvem o cotidiano de trabalho dos psicólogos do CREAS que atuam em casos de situação de abuso sexual contra crianças e adolescentes no contexto familiar.

A metodologia utilizada, nessa pesquisa, foi um estudo de caráter qualitativo cujos resultados foram apresentados de forma descritiva. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas baseadas em roteiro semiestruturado, contendo 4 perguntas abertas, direcionadas as psicólogas que atuam no CREAS dos municípios de Vespasiano MG, Pedro Leopoldo MG, e Sete Lagoas. Os dados obtidos foram analisados mediante análise de conteúdo de BARDIN (1977, p.31) que visa aplicar em discursos diversificados um conjunto de ferramentas metodológicas que aprimoram constantemente as idéias.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 VIOLAÇÃO DE DIREITOS INFANTO – JUVENIS

A violência como a ação, ou sucessão de ações, pode ser consciente ou até mesmo inconsciente, podendo assim causar dano psicológico, físico, moral ou social ao outro. A violência sexual pode ser caracterizada como exploração sexual ou abuso sexual. Sendo que na exploração o que pressupõe é uma relação onde o sexo é mercantilizado, ou seja, usa-se o corpo para fins de obtenção de vantagens podendo envolver dinheiro ou gratificações, já no abuso ele é um acometimento de atos libidinosos sem o consentimento da outra pessoa envolvida, sem diferenciação de sexo. Essas violações podem ocorrer através da consumação no ato sexual ou não, sendo eles, contato físico, telefonemas obscenos, exibicionismos, assédio sexual, pornografia, voyeurismo, pedofilia entre outros (MARÓN, 2008).

Quando o abuso sexual acontece com crianças e adolescentes, principalmente no ambiente intrafamiliar, a vítima perde a autoestima e vive em constante processo de desvalorização, medo e em alguns casos há uma maior chance de subordinação às cegas ao agressor (CHILD TRENDS, 2013). As crianças e adolescentes são vistos pelos abusadores como alvos mais fáceis de alcançar. Existem dois tipos característicos de violação de direitos de crianças e adolescentes, o intrafamiliar e o extrafamiliar, sendo o primeiro mais relatado.

2.2 VIOLAÇÃO NO CONTEXTO INTRAFAMILIAR

A violação intrafamiliar é caracterizada quando o abuso vem de um indivíduo que convive diariamente com a criança ou adolescente, ou seja, como o próprio nome sugere, o abuso ocorre por parte um membro da família, podendo ocorrer pelo pai, irmão, primo, mãe, tio, tia, avô, avó, entre outros. É nesse cenário de confiança - já estipulado entre criança e abusador - é que ocorre a violação de direitos sem o levantamento de suspeitas prévias. (LANER; FALCKE, 2013).

Esse tipo de abuso sexual é o que tem maior probabilidade de acontecer, pois a criança já possui um vínculo emocional com o abusador, e por ser considerada indefesa e ingênua

pode compreender que tal fato ocorrido é algo normal ou até mesmo uma brincadeira. É nesse cenário que a descoberta do abuso fica complicado e difícil para a identificação. (LANER; FALCKE, 2013, p.144).

Dessa forma é dever dos pais ou responsáveis zelar pela segurança das crianças e adolescentes, para que seus direitos não sejam violados. Como é representado pelo Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) que afirma no “Art. 5º da lei Nº 8.069, nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”. (BRASIL, 1990). Em casos que já tenham ocorrido violação de direitos, providencias devem ser tomadas junto aos órgãos de garantia de direitos como Conselho Tutelar, Delegacia, Judiciário e Ministério Públicos.

O Conselho Tutelar é um dos principais órgãos que está na ponta de frente próximo a sociedade a qual funciona como garantidor de direitos. Tendo como uma das suas atribuições – conforme em seu Art. 136 III – atuar frente às vítimas de abuso sexual realizando o encaminhamento de criança e ou adolescente para o Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS. Onde as famílias serão atendidas e acompanhadas por uma equipe de profissionais compostas por psicólogos e assistentes sociais.

2.3 ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO CENTRO DE REFERÊNCIA ESPECIALIZADO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

O Centro de Referência Especializado de Assistência Social - CREAS, é uma é uma unidade pública da política de Assistência Social onde são atendidas famílias e pessoas que estão em situação de risco social ou tiveram seus direitos violados. É composto por uma equipe de multiprofissionais como psicólogo, assistente social, advogado, coordenador e auxiliar administrativo. Dessa forma o CREAS objetiva a “[...] prestação de serviços de

Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos (PAEFI), a indivíduos e famílias que se encontram em situação de risco pessoal ou social, por violação de direitos ou contingência, que demandam intervenções especializadas da proteção social especial”. (BRASIL, 2011).

Dentre os profissionais pertencentes à equipe de atendimento no CREAS, encontram-se os psicólogos. O papel desses profissionais é executado de acordo com os princípios morais e éticos estipulados pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo – CRP. (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2015). Ressaltando que os atendimentos realizados por esses profissionais são desenvolvidos de acordo com cada demanda recebida e atendida, respeitando a individualidade de cada sujeito e cada situação. As principais tarefas desenvolvidas por esses profissionais são caracterizadas como acolhimento das crianças e ou adolescentes que foram violados e seus respectivos familiares, entrevista inicial, elaboração e desenvolvimento de plano de acompanhamento individual e/ou familiar, atendimentos individuais as crianças ou adolescentes, elaboração de relatórios técnicos, realização de plantões, entre outros. (OLIVEIRA, 2017).

A Psicologia, ao compor as equipes de referência dos CREAS, deve ter como objetivo trabalhar o fortalecimento dos vínculos familiares, assim como, o lugar dessa família na sociedade em que se encontra inserida. Cabe ao profissional dessa área revisar, sua prática profissional, traduzir e transmitir seu compromisso, apontar para um posicionamento ético-político. A interposição da psicologia no campo social requer a construção de estratégias que levem o (a) psicólogo (a) a ultrapassar os modelos teóricos tradicionais, assumindo a função política e social da sua ação. (OLIVEIRA, 2017, p.32).

O papel do psicólogo nos casos de violação de direito é de extrema importância para a criança e adolescente que sofreu algum tipo de violação, pois, este pode se desenvolver com sérios problemas cognitivos, sociais e afetivos caso não passe por um acompanhamento adequado. Essas consequências, para o jovem, podem ter durações de curto a longo prazo. Esses efeitos de curto prazo podem ser identificados por alterações no comportamento, como

exemplo: aumento de atividades masturbatórias, preocupação excessiva em atividades ou assuntos sexuais, podendo desencadear em suas vítimas a sensação de incapacidade de controlar seus instintos e impulsos sexuais. As implicações a longo prazo estão relacionadas ao desenvolvimento infanto juvenil, como dificuldade de se relacionar com outras pessoas, a questão da confiança, baixa autoestima, agressividade, automutilação, sentimentos de culpa, medo, distúrbios de sono, entre outros. Pode-se assim notar que não se pode generalizar ou delimitar com precisão os efeitos da violência sexual em crianças e adolescentes, uma vez que a gravidade, bem como a extensão que geram as consequências da violência dependem de cada sujeito em sua singularidade (COGO; MAHL; FLORENTINO, 2014; OLIVEIRA *et.al*,2012).

Isso posto, reconhecemos como esses efeitos perversos e violentos dos abusos infanto-juvenis reverberam sobre os profissionais da psicologia que atendem casos de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual intrafamiliar. A experiência do abuso o levantamento e o trauma psicológico e/ou físico, desperta - não somente na vítima -, mas também em todos os envolvidos na rede desse jovem, o questionamento sobre as suas capacidades, de lidar com o fato ocorrido. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2007).

3 METODOLOGIA

3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Essa pesquisa se insere na perspectiva da análise qualitativa, uma vez que sua proposta gira em torno da construção dos sentidos e significados para a experiência vivenciada no contexto das interações entendidas como dinâmicas relacionais. Em consonância com essas ideias, Minayo (2001) aponta que a análise qualitativa trabalha com os aspectos mais

profundos das relações entre indivíduos, sendo que seu universo é repleto de significados, e os fenômenos não podem ser simplificados a ação de se tornar instrumento de variáveis.

Neste sentido, a proposta da contemporaneidade na qual nos ancoramos aqui, vai ao encontro da idéia de uma realidade multidimensional, na qual entender o ser humano implica reconhecer os elementos que o constituem e as relações ou interações que garantem o caráter transversal da subjetividade que passa a não ser mais reconhecida como um “eu” autônomo, racional e individualizado. (SOARES; MIRANDA, 2009).

Para tal estudo se faz necessário, no primeiro momento, uma pesquisa bibliográfica que possibilita ao pesquisador uma perspectiva diferente, um novo olhar sobre o mesmo tema, uma vez que disponibiliza recursos para elucidar o que já foi estudado como também para as produções inéditas. (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Sendo assim, a pesquisa bibliográfica foi realizada a partir do levantamento de indicativo como referências teóricas já analisadas, e publicadas por meio de registros eletrônicos, sendo livros, páginas de web sites, artigos científicos referentes ao tema proposto. Este procedimento permitiu a contextualização do campo de investigação em questão.

Este trabalho também se desenvolveu como pesquisa exploratória tendo como objetivo o aprimoramento de idéias. Considerando os mais variados aspectos relativos à compreensão dos fatos que envolvem a noção da subjetividade no campo da ciência contemporânea emergente e os meios que circundam tais situações dos aspectos que participam da construção da violência.

Com relação à classificação da pesquisa, o estudo é considerado de natureza descritiva, sendo que, tal pesquisa descreve sobre as características a qual representa a amostra equivalente da população ou de um fenômeno (Gil, 2002).

3.2 PARTICIPANTES

A amostra da pesquisa foi composta por três psicólogas do sexo feminino, autodeclaradas heterossexuais, com idades variadas entre 29 e 57anos, sendo duas de raça branca e uma negra. As participantes são psicólogas do Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS) 01 em cada CREAS das cidades de Sete Lagoas, Pedro Leopoldo e Vespasiano – MG. Os locais de escolha para a realização da pesquisa de campo se deu em três cidades distintas com o objetivo de levantar questionamentos e elaborações subjetivas comuns, mostrando que mesmo em cidades diferentes, os resultados podem ser parecidos em se tratando de questões voltadas ao acompanhamento de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual no contexto intrafamiliar. A partir do desenvolvimento do artigo, as participantes serão identificadas por P1, P2 e P3. Evitaremos maiores detalhes na descrição do perfil dessas psicólogas para mantê-las no mais absoluto sigilo. Quanto ao tempo de atuação como profissional no CREAS, a entrevistada P1 respondeu possuir dois anos de atuação, a entrevista P2 cinco anos de atuação e a entrevistada P3 dois anos de atuação.

3.3 INSTRUMENTOS

Para obtenção de dados e informações, o instrumento utilizado foi uma entrevista semiestruturada que ocorreu em duas etapas. A primeira etapa teve informações acerca dos dados pessoais dos profissionais entrevistados (idade, sexo, orientação sexual, auto declaração racial, tempo de atuação). A segunda etapa da entrevista foi composta por quatro perguntas (abertas) que servem como base para compreensão de como as consequências do abuso sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes se manifesta diante das observações e percepções dos psicólogos no CREAS.

3.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS E DE PESQUISA

Esta pesquisa foi desenvolvida seguindo o padrão das normas éticas do Conselho Nacional de Saúde – CNS (2012), em sua resolução nº. 466, dispõe sobre as normas e condutas éticas estabelecidas a fim de conduzir pesquisas com pessoas. Tendo em vista que a Resolução ressalta a responsabilidade do pesquisador que deve assegurar o sigilo, unanimidade, garantia de interrupção da pesquisa caso necessário e o esclarecimento de dúvidas quando solicitado, entre outros.

Para início da coleta de dados, tendo em vista o desenvolvimento do trabalho, o primeiro passo foi realizar uma pesquisa na internet do contato telefônico da instituição CREAS das cidades próxima à cidade origem da pesquisadora. Com isso as entrevistas foram desempenhadas com as psicólogas do CREAS do município de Sete Lagoas, Pedro Leopoldo e Vespasiano – MG.

Foi possível agendar as entrevistas conforme a disponibilidade das participantes que ocorreu no período do dia 04 a 30 de outubro do ano corrente, sendo efetivadas nas dependências de cada instituição. Ao início das entrevistas, foi informado novamente sobre o sigilo quanto as suas identificações, preservando os nomes das participantes como também que a pesquisa teria caráter voluntário a qual não resultaria em qualquer tipo de ressarcimento ou remuneração. Todas concordaram em assinar o termo de Consentimento Livre onde ficou esclarecido sobre a responsabilidade do pesquisador responsável sob a guarda de dois anos e as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas a fim de serem analisadas.

3.5 ANÁLISE DE DADOS

Conforme Bardin (1977, p.31), a análise de Conteúdo não é apenas uma ferramenta, mas sim uma gama de possibilidades para a diversidade de idéias, sendo aplicável num campo vasto de entendimentos.

3.6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As análises de dados serão apresentadas de acordo com a organização do objetivo geral e específico. A maneira a qual foi conduzido à entrevista, teve como ponto de iniciativa identificar e compreender as consequências da atuação do profissional psicólogo no CREAS, tendo em vista os aspectos que norteiam as consequências da violência sexual infanto-juvenil no contexto familiar e as questões voltadas a essa situação. Para que assim fosse possível fazer o levantamento de novas perspectivas de conhecimentos, como também das problemáticas apresentadas, identificando, portanto, os pontos cruciais da pesquisa.

Para a realização da análise de dados foi possível utilizar artigos que ilustram as informações referentes ao tema proposto. Sendo assim vale destacar aqui, as falas das psicólogas entrevistadas, a qual possibilitou a compreensão, investigação e reflexão acerca do tema escolhido tendo em vista seus desafios, possibilidades e implicações a respeito dos aspectos emocionais que afetam o cotidiano desses profissionais.

As entrevistas realizadas com as psicólogas foram semiestruturadas, tendo em seu roteiro questões previamente formuladas, possibilitando que as entrevistadas pudessem seguir sua própria linha de raciocínio baseado em suas experiências. A partir da elaboração da análise dos resultados de pesquisa, foi possível identificar os pontos fundamentais do trabalho, que serão compartilhadas através desta apresentação.

As categorias, abaixo apresentadas, foram, assim construídas, potencializando as conversas realizadas com as sujeitas de pesquisa. Temos clareza de que o nosso principal objetivo – a compreensão das consequências do abuso sexual intrafamiliar contra crianças e

adolescentes diante das observações e percepções dos psicólogos que atuam no CREAS - poderia ter sido mais bem alcançado com mais tempo de entrevista e com outras perguntas que deixassem mais evidentes o nosso objetivo de pesquisa. Ainda assim, consideramos que para além de se pontuar a perspectiva dos psicólogos diante desses atendimentos; era importante, também, marcarmos o modo como esses sujeitos vítimas de abuso, comumente, chegam ao CREAS e os desafios, impasses e possibilidades de atuação do psicólogo nesse espaço. Fizemos essas escolhas acreditando que esses pontos poderiam nos ajudar a alcançar o nosso grande objetivo em torno dos afetos e das emoções do profissional da psicologia nessa modalidade de atendimento. Tema esse muito pouco investigado no campo da ciência e que, certamente, limitam as nossas análises. Ainda assim, apostamos que enfrentar esse problema é importante pela sua relevância e pela sua possível contribuição a todo psicólogo no âmbito da assistência.

3.6.1 MANEIRAS QUE AS VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL SÃO ACOLHIDAS NO CREAS E A ATUAÇÃO DO PSICOLOGO.

É fundamental o atendimento a toda a família para que ela passe por uma avaliação psicológica, em especial a criança ou o adolescente que sofreu a violência. Trabalhar com a família por completo tem por objetivo observar como cada um percebe a violência, evidenciando assim, seus sentimentos acerca, bem como o contexto e sentimentos envolvidos. Lembrando sempre que o primeiro atendimento deve ser sempre a criança ou o adolescente que foi vítima do abuso sexual, para que, o profissional seja um ponto de referência positivo em sua vida e possa estabelecer um elo para que posteriormente seja trabalhado com o restante da família (CRAMI, 2005).

As entrevistadas trazem em suas falas por meio de relatos como são suas observações e percepções diante aos casos das vítimas de abuso sexual intrafamiliar, como também as tudo que influencia seu meio:

“Normalmente eu faço a escuta da criança e depois do adulto ou às vezes dependendo eu escuto o adulto primeiro e depois escuto a criança, mas normalmente eu escuto a criança primeiro, e a partir desse atendimento eu faço novos atendimentos, a partir desse acolhimento eu começo a observar se ele precisa de um encaminhamento”. [P.1]

“Atuação do psicólogo quando recebe no primeiro momento a gente faz uma colhida, a gente faz uma escuta da criança e da família dela do responsável que está com ela, na maioria das vezes é a mãe, então essa primeira acolhida que a gente pretende com ela é estabelecer um vínculo com essa família.” [P.2]

“Em qualquer caso que recebemos aqui a primeira intervenção é uma acolhida respeitosa do nosso usuário, oferecendo uma escuta empática especialmente tendo em vista a situação de fragilidade que eles se encontram naquele momento”. [P.3]

O profissional psicólogo, no que diz respeito ao auxílio de vitimadas de violência sexual no âmbito doméstico é capacitado para não apenas realizar um trabalho de acolhimento, mas principalmente, irá contribuir para que haja uma compreensão da construção do sujeito; além, é claro, de abordar sua relação com a sociedade. Poderão, também, serem abordadas diversas questões relacionadas a não vitimização, a elevação da autoestima e a diminuição da rigidez da vítima. Para auxiliá-la é necessário primeiramente o autoconhecimento da criança ou adolescente agredido, a vítima precisa inicialmente se conhecer, o psicólogo deverá ajudar trabalhar a questão da identidade, questões de reflexão e investigação da sexualidade (CHILD TRENDS, 2013). Sendo assim, será exposto as possibilidades e desafios referentes aos atendimentos a crianças / adolescentes:

3.6.2 POSSIBILIDADES E DESAFIOS ENFRENTADOS POR PSICOLOGOS QUE ATUAM NO CREAS.

“Os desafios eles são grandes, as vezes a gente atende um público que na maioria é carente, então tem sim uma dificuldade de transporte, questões econômicas, isso porque às vezes a pessoa atendida fala, eu preciso de vir, e sei que tenho que vir, mas não tenho dinheiro nem para comprar comida em casa, então essas questões é um desafio muito grande, onde temos que trabalhar, procurando mecanismo para atender o serviço. Eu falo que a

psicologia é cheia de possibilidades, então a partir da singularidade de cada caso a gente vai encontrando a saída. ”[p.1].

“As possibilidades, a gente espera, que sejam muitas, resgate da autoestima dessa criança, da família quebrar o ciclo de violência que essa família que às vezes está inserida, restabelecer relações familiares, conseguir que essa família seja inserida tanto no meio social ou na rede, empoderar essa família para ela poder conseguir viver bem mesmo depois da situação de violência que foi vivida e tudo então as possibilidades a gente espera muito” [P.2]

“Os desafios são muitos, quanto maior proximidade desse vínculo familiar entre o violador e a criança e o adolescente, maiores são os desafios, na minha percepção até porque para vítima chegar ao órgão de proteção é mais difícil quando esse vínculo é maior com o violador. Tem como outro desafio a questão do familiar, que as vezes estão tão fragilizado, aí a gente também precisa trabalhar com esse familiar ou responsável. pensando em potencialidades e possibilidades o CREAS sempre trabalha nessa linha, nesse foco de superação da violação, superação do problema em si, então em parceria com a rede e com a família, quando possível, nos articulamos proposta de superação da situação, então nosso foco é sempre pensar assim, Ok aconteceu o fato à criança e o adolescente está numa situação de violação de direito fragilidade extrema, mas a gente precisa pensar a partir daí, o que pode ser feito e a partir de então começa traçar possibilidades junto com essa rede que acompanhe, porque a gente entende que sozinho a profissional do CREAS não dá conta de articular proposta para que a criança e a adolescente supere a situação”[P.3]

Pode-se dizer, então, que o trabalho psicólogo do CREAS se tornara eficaz a partir do momento em que se consegue uma parceria com a rede, com intuito que as intervenções realizadas com as vítimas de abuso sexual possam surtir efeito.

3.6.3 ASPECTOS EMOCIONAIS QUE ENVOLVEM O COTIDIANO NO TRABALHO DOS PSICOLOGOS DO CREAS

Sendo assim, o psicólogo que se depara com casos de abuso sexual, deverá ter sensibilidade, dinamismo e conhecimento necessário, bem como estar capacitado para enfrentar essa situação que é extremamente desafiadora e complexa. (FLORENTINO, 2014;

SELL; OSTERMANN, 2015). A partir disso, as psicólogas entrevistadas discorrerão acerca dos aspectos afetivos que envolvem o cotidiano de trabalho:

“Dizer que não afeta seria desumano dizer que não afeta... e o que eu faço é terapia, pois na terapia posso falar dos meus sofrimentos das minhas angustias e sem que isso afete o meu trabalho, porque eu sei que isso é contribuir para o meu trabalho, eu sei que a partir da terapia que eu faço, eu vou saber lidar com essas questões. Eu faço parte de um grupo de estudo também, que encontro com algumas profissionais e a gente estuda os casos, faço estudo de caso e isso é algo que contribui de uma maneira singular para minha profissão... eu procuro não levar depois que eu fecho a porta da onde eu atendo, e se for discutir, vai ser para eu discutir para que no próximo atendimento eu possa contribuir de uma maneira singular. Fora disso eu não levo para casa. A questão do emocional eu consigo trabalhar bem”. [P.1]

“Difícil falar que não afeta, porque antes de psicólogo nós somos seres humanos, então, eu acho que é um trabalho extremamente pesado... justamente pelo peso que isso traz do atendimento, porque eu acho extremamente desgastante sabe. Eu percebo assim, a gente atende, a gente acompanha e tudo, mas a gente que é mãe que tem filho e leva isso para a vida para o dia-a-dia. Eu percebo uma mudança de comportamento em mim depois que comecei a trabalhar no CREAS, especialmente assim em termo de educação de cuidado. A gente fica mais apreensivo com essa situação, mas a nível emocional, eu tenho um cansaço mental muito grande, eu tento fazer assim terapia, no momento não estou fazendo terapia, mas já passei por alguns processos. A gente tenta buscar supervisão, a gente usa muito situação de discursão de caso aqui dentro, para poder trocar experiências, compartilhar angustias da gente. Também com relação a isso porque é pesado demais a gente comenta que é muito comum aqui a gente quando vai embora para casa, a gente tem que ter um tempo, todo mundo fala a mesma coisa, a gente chega num cansaço numa exaustão, que se a gente não tirar uns 40 min não dar para fazer nada, você não consegue entrar no ritmo de novo e da vida, de fazer as outras coisas de casa de suas obrigações. Porque é um cansaço mental muito grande”. [P.2]

“Com certeza afeta, porque assim, antes de ser uma profissional sou uma pessoa, um ser humano então a gente tem realmente sentimento em relação a essas situações que são sempre situações carregadas de muitos sofrimentos, então o que se observa é que a gente precisa cuidar da nossa saúde mental também, profissional. O psicólogo precisa cuidar da saúde mental, ele precisa sim procurar um acompanhamento uma psicoterapia, precisa buscar ali no seu contexto profissional esses vínculos que forneça suporte para um discursão de caso, para que você tenha abertura de sinalizar algumas dificuldades, o manejo do caso e isso tudo vai nos ajudando a trazer um pouco mais de segurança de leveza para levar o trabalho. Para que não fique assim um peso ou um fardo tão pesado em cima do profissional, a gente precisa de encontrar maneiras dentro da ética, dentro do que preconiza o nosso código de ética, sem de maneira alguma violar aquilo mais. De você ter espaço onde seja possível trabalhar essas questões, as dificuldades, as limitações do profissional para que o seu trabalho seja mais produtivo, mais efetivo com a família e que não haja, assim uma dificuldade tão grande para

o profissional que venha a ponto de te afetar de uma forma excessiva, então eu acho importante esse alto cuidado essa preocupação com a pessoa, com eu para além do profissional". [P.3]

As entrevistadas apontam a trajetória de seu trabalho quanto à atuação como psicólogas no CREAS no acompanhamento a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual intrafamiliar. Elas relatam como acontece o primeiro contato com a vítima e seus responsáveis, evidenciando suas possibilidades quanto às intervenções e seus grandes desafios ao lidar com casos que são tão complexos que é o abuso sexual dentro do contexto familiar.

Diante desse exposto, pode-se perceber que durante as narrativas dessas profissionais, elas assumem o quanto são afetadas emocionalmente se tratando de casos relacionados à violência sexual, porém afirmam que buscam alternativas para poderem lidar com essa situação e assim poder potencializar suas intervenções.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo buscou identificar através da entrevista semiestruturada responder quais são os impactos do abuso sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes percebidos pelos psicólogos que atuam no CREAS de Vespasiano MG, Pedro Leopoldo MG e Sete Lagoas MG. O que nos possibilitou compreender como as psicólogas entrevistadas identificam as consequências que se manifestam em suas vítimas e o quanto é sério a situação do enfrentamento e da intervenção psicossocial sobre a vítima de abuso sexual intrafamiliar. Tendo em vista que essas consequências também afetam emocionalmente os profissionais da psicologia, não há como negar que esse processo de intervenção, comumente, esbarra em questões pessoais dos psicólogos; de modo que eles precisem buscar alternativas, dentro do que preconiza o código de ética, para dar conta de lidar com as suas próprias angústias.

Diante do exposto, as implicações desta pesquisa pautam em apontar a relevância deste tema para a psicologia, uma vez que essa ciência objetiva compreender o ser humano

em suas vivências, como também as relações que o sujeito estabelece em seu meio. Portanto, a pesquisa contribuirá para aqueles que buscam aprendizagem sobre o assunto, como estudantes e profissionais da Psicologia que queiram aprofundar seus conhecimentos na área socioassistencial.

Esta pesquisa não pretende ser um modo definitivo de análise acerca da compreensão da violência intrafamiliar contra crianças, mas, sim, mais uma contribuição singular para reflexões neste campo; provando-nos que não há construção de saber sem riscos e prática clínica psicossocial neutra. Espera-se, portanto, que esse estudo possa lançar luz sobre a temática da vulnerabilidade social que se faz presente na vida de muitas crianças/adolescentes e suas famílias.

A limitação desse estudo se deu devida a pouca produção científica realizada sobre o assunto onde dificultou a categorização das análises narrativas dessas profissionais psicólogas do CREAS. A pesquisa limitou-se a coleta de dados em três instituições do CREAS, sendo 3 psicólogas, cada uma em cidades distintas.

Diante do tema estudado percebe-se a necessidade de pesquisar mais sobre o tema relacionado a aspectos emocionais que envolvem o cotidiano de trabalho dos profissionais psicólogos, dada a potente; mas incipiente produção nesse campo de intervenção.

REFERENCIAS

AKERMAN, Deborah. **O itinerário de famílias com violência doméstica no sistema de garantia de direitos: uma análise do cumprimento de “medidas de proteção”**. Trabalho de qualificação. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSJ, 2012

BALLONE G.J.; ORTOLANI I.V. **Violência Doméstica**, in. Psiqweb, Internet, disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/infantil/violdome.html>. Acessado em: novembro de 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições, v. 70, p. 225, 1977.

BRASIL. Lei do Sistema Único de Assistência Social. Lei Federal 12.435/2011. **Altera a Lei no 8.742, de 7 de dezembro de 1993, que dispõe sobre a organização da Assistência Social.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 06 de jul. 2011. Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. 2011.

BRASIL. **Lei nº 12.435, de 6 de julho de 2011.** Presidência da República Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. 2011.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 Art. 5º.** Presidência da República Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. 1990.

CENTRO REGIONAL AOS MAUS-TRATOS NA INFÂNCIA. **Abuso sexual doméstico: atendimento às vítimas e responsabilização do agressor.** 2. ed. Brasília: Unicef, 2005.

CENTRO DE REFERÊNCIA TÉCNICA EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS (CREPOP). **Serviço de Proteção Social a Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência, Abuso e Exploração Sexual e suas Famílias: referências para a atuação do psicólogo.** Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia. 2009.

CHILD TRENDS. **Children's exposure to violence.** ChidTrends, Web Site. 2013. Acessado em Novembro de 2017, em: <http://www.childtrends.org/?indicators=childensexposure-to-violence>.

COGO, Karine Suély; MAHL, Álvaro Cielo; OLIVEIRA, Lisandra Antunes, *et.al.* **Consequências psicológicas do abuso sexual infantil.**2012.

Conselho Federal de Psicologia (CFP) (2009). **Serviço de Proteção Social a Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência, Abuso e Exploração Sexual e suas Famílias: referências para a atuação do psicólogo.** Brasília: CFP.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (2012). **Resolução CNS Nº. 466/12.** Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>> Acesso em 02 de novembro. 2017.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA. **Atuação do (a) Psicólogo (a) nos CREAS.** 2015.

CÓTICA, C. S., XAVIER, G. M., & EYGO, H. **O abuso sexual e desenvolvimento do self: um olhar centrado na pessoa.** *Humanities e Inovação*, 2, 18-24, 2015 fevereiro/2013 1ª Edição

FLORENTINO, Bruno Ricardo Bérghamo. **As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes** H Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG, Brasil, 2015.

FURNISS, T. **Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar: manejo, terapia e intervenção legal integrados.** Trad. M. A. V. Verenose. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GABEL, M. **Crianças vítimas de abuso sexual.** Trad. Sônia Goldfeder e Maria Carlota Gomes. São Paulo: Summus, 1997 [1992].

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas S. A, 2002.

GUATTARI, Félix. **Da produção da subjetividade.** In: GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético.* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p.11-44.

LAKATOS, E. Maria; MARCONI, M. de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica: Técnicas de pesquisa.** 7 ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Mariana A. **Fundamentos de metodologia Científica.** Ed.7.São Paulo: Atlas, 2010.

LANER, Renata Schroeder; FALCKE, Denise. **Abuso Sexual Intrafamiliar: Concepções de Profissionais que Atendem Crianças que Foram Vítimas de Abuso.** Revista de Psicologia da IMED. 2013.

MARÓN, José Ramiro Lamadrid et al. **Violencia contra a criança e o adolescente: a escola reprova.** Coletânea da Universidade Federal do Tocantins, Núcleo interdisciplinar de Educação em Direitos Humanos- NIEDI, Palmas, 2008.

MINAYO, M. C. S. **A violência social sob a perspectiva da saúde pública. Cadernos de Saúde Pública**, v. 10, supl. 1, p. 7-18, 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102>. Acesso em: 07 Nov. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Edinamar Rezende. **Os Significados do Atendimento Psicossocial Realizado por Psicólogos dos CREAS de Goiânia às Crianças Vítimas de Abuso Sexual.** 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório de violência doméstica no Brasil no ano de 2015.** 2015

Referências Técnicas para a Prática de Psicólogos (os) no Centro de Referência Especializado da Assistência Social – CREAS (CREPOP). Brasília, fev

RIBEIRO, R. (2004). **As emoções do profissional psicossocial com o abuso sexual infantil.** Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília. Brasília

SELL, Marileia; OSTERMANN, Ana Cristina. **A construção da significação da experiência do abuso sexual infantil através da narrativa: uma perspectiva interacional.** , D.E.L.T.A., 31-2, 2015 (307-332).

SOARES, Leonardo Barros; MIRANDA, Luciana Lobo. **Produzir subjetividades: o que significa?** Estudos e Pesquisa em Psicologia, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p.408-424, 2006. Disponível em: < <http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/pdf/v9n2a10.pdf>>. Acesso em: maio de 2017.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA
PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Título da Pesquisa: Atuação dos Psicólogos no CREAS: Diante de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual intrafamiliar

Pesquisador Responsável: Professor Ricardo Dias (31)99582-8007

E-mail: ricardodiascastro@gmail.com

Pesquisador Discente: Fabiana Gomes de Souza Fernandes (31) 997392042

E-mail: Fabianagsf@yahoo.com.br

Instituição Responsável: Faculdade Ciências da Vida (Centro de Estudos Ill Millenium Ltda)

Contatos da Instituição: Faculdade Ciências da Vida. Endereço: Av. Prefeito Alberto Moura, 12632, Bairro das Industrias, CEP 35.702-383. Sete Lagoas, Minas Gerais. Contato: (31) 3776.5150

Prezado(a) Participante,

O Professor Ricardo Dias Castro (pesquisador responsável) e a graduanda Fabiana Gomes de Souza Fernandes (pesquisadora auxiliar), vinculados ao curso de Psicologia da Faculdade Ciências da Vida, estão conduzindo uma pesquisa intitulada "Atuação Dos Psicólogos No Creas: Diante De Crianças E Adolescentes Vítimas De Abuso Sexual Intrafamiliar.". A pesquisa possui como objetivo principal Compreender como as consequências do abuso sexual intrafamiliar contra crianças e adolescentes se manifesta diante das observações e percepções dos psicólogos no CREAS. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas abertas que serão gravadas e transcritas pela pesquisadora para os fins de análise dessa pesquisa não havendo o risco físicos ou psicológicos. Dessa forma gostaríamos de convidá-lo(a) a participar voluntariamente da pesquisa. Se depois de consentir em sua participação o Sr.(a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Os responsáveis pela pesquisa garantem o anonimato das respostas e dados de todos os participantes. Também esta garantida sua liberdade, sem restrições, de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem que disso resultem quaisquer tipos de consequências. Os resultados gerais do estudo serão publicados em artigos e eventos científicos. Contudo, em nenhuma hipótese, os participantes serão identificados por seus nomes ou quaisquer outros tipos de informações que quebrem esse sigilo. Todos os produtos gerados por sua participação ficarão armazenados na Faculdade Ciências da Vida por um período mínimo de 01 ano, sob inteira responsabilidade do professor responsável por

essa pesquisa (Professor Ricardo Dias de Castro). Informamos também que a sua participação, caso concorde com ela, tem caráter voluntário e não resultará em qualquer tipo de ressarcimento ou remuneração.

Eu, _____ (nome do participante), declaro ter COMPREENDIDO as informações prestadas neste Termo, DECIDO responder as entrevistas e AUTORIZO sua utilização na pesquisa intitulada " Atuação Dos Psicólogos No Creas: Diante De Crianças E Adolescentes Vítimas De Abuso Sexual Intrafamiliar."

Estando de acordo, assinam o presente Termo de Consentimento em 2 (duas) vias.

Participante: _____

Pesquisador (a) Responsável: _____

Pesquisador(a) Auxiliar: _____

Sete Lagoas/MG, ____ de _____ de 2017.

**FACULDADE CIÊNCIAS
DA VIDA**

PESQUISA: ATUAÇÃO DOS PSICÓLOGOS NO CREAS: DIANTE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL INTRAFAMILIAR.

Roteiro de Entrevista

- a) Nome:
 - b) Idade:
 - c) Sexo:
 - d) Orientação Sexual:
 - e) Auto declaração racial:
 - e) Profissão:
 - f) Tempo de atuação no CREAS:
 - g) Data de aplicação:
-
- 1) Quais são as maneiras que crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual intra-familiar chegam ao CREAS? Como é a atuação do Psicólogo ao receber esses casos?
 - 3) Quais são as possibilidades e desafios encontrados ao trabalhar com as crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual intrafamiliar, como também seu perspectivas familiares?
 - 4) Para voce, quais são as suas percepção observadas quanto as consequências que o abuso sexual intrafamiliar acarreta para o desenvolvimento de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual intrafamiliar?
 - 5) Diante do trabalho como psicólogo ao acompanhamento e intervenção as crianças e adolescentes vítimas de violência sexual no CREAS, o que afeta e quais são as implicações dos aspcto emocional que envolve o seu cotidiano?